

Festivais de corrupção e de besteira

* 8 DEZ 1993

Carlos Chagas

Tudo vem em ondas, como o mar, já dizia Manoel Bandeira. Assim o furor acusatório, que de quando em quando toma conta do País. Antes, a premissa é necessária: existem, corruptos no Congresso? Existem. Corruptos devem ser identificados, acusados e punidos? Claro. Pode haver exceções? De jeito nenhum.

Agora, acreditar que todos os deputados e senadores são corruptos, não dá. Existe gente boa, de primeiro nível no Congresso. Generalizar a denúncia dos indivíduos para a instituição é coisa de tolos e de presunçosos fazendo média na televisão e nos jornais. Ou, então, estratégia de corruptos que, pretendendo livrar-se, buscam misturar a instituição com seus crimes, de maneira a, salva aquela, salvarem-se também.

Dá vontade de rir quando assistimos o besteiro de certas figuras conclamando a sociedade a repudiar a classe política ou quando, corajosos atrás de suas escrivadinhas ou de seus estúdios, investem contra a honra alheia. No fundo, talvez exprimam a frustração de não estar ocupando uma cadeira de deputado ou senador.

A onda mais recente do furor acusatório foi desencadeada pelo senador Paulo Bisol, na semana passada. Com base em documentação apreendida no escritório de uma empreiteira, em Brasília, muito justamente

ele se indignou. Ali estavam provas de que a empreiteira fazia parte de uma espécie de **holding** da corrupção, um comando secreto formado pelas principais empresas do ramo, especializados em dilapidar o patrimônio público mediante o envolvimento de parlamentares e de altos funcionários do Executivo.

Deveria o senador vir a público, como veio, e até procurar o presidente da República para mostrar a extensão da fraude? Claro que sim.

José Paulo Bisol escorregou, porém, quando pretendeu divulgar os nomes de todos os deputados e senadores constantes de listas, bilhetes e anotações da representação da empreiteira na capital federal. Porque ali estavam parlamentares que recebiam dinheiro mensalmente, que haviam sido ajudados na última campanha, que seriam ajudados na próxima, que votaram pelos interesses das empreiteiras sem necessitar de suborno, que ganhavam jóias, presentes caros e, até, aqueles a quem se mandavam agendas no fim do ano. Uma mistura em tudo e por tudo diversa. Dar para a imprensa todos os nomes, como se todos estivessem implicados, seria não apenas um exagero, mas uma temeridade e, mesmo uma irresponsabilidade.

A CPI soube compreender e conter os arroubos acusatórios do senador; a opinião pública, também. Dos absurdos de se imaginar um golpe militar por conta de estar o Con-

gresso inteiro enlameado - e não está - passou-se a argumentos mais lógicos e éticos. Se aparecerem mais corruptos, daqueles que ainda não haviam sido referidos, ótimo. Já foram apontados. Se ficou claro que as grandes empreiteiras nacionais são um antro de ladroagem e roubalheira, cabe agora ao Congresso decidir o que fazer com elas. Uma nova CPI? A prorrogação indefinida dos trabalhos da atual? Tanto faz. A verdade é que as investigações agora vão até o fim e que os ladrões do colarinho branco parecem, desta vez, a um passo do pelourinho. Porque serão todos identificados e chamados a depor. Se não conseguirem demonstrar o indemonstrável, que é a própria honestidade, caberá à Procuradoria Geral da República seguir adiante, abrindo processos criminais e acionando a Justiça. Não se chega à suposição de que serão todos punidos. Essa gente não chegou aonde chegou de graça. Dispõem, os empreiteiros, dos melhores advogados do Brasil, ironicamente a serem pagos com o dinheiro roubado do Orçamento. Mesmo assim, o saldo é positivo. Pelo menos, esse festival de corrupção não se repetirá mais. Esperamos que, também não, o festival de besteiras encenados pelos falsos catões e salvadores da pátria.

■ Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília

CORREIO BRAZILIENSE